



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/reflexoes-enredadas/>

Reflexões enredadas entre arte, cidade, crise ecológica e corpos d'água

Aline Nunes[1]

Ana Schittler[2]

RESUMO: Este ensaio busca articular o olhar de duas mulheres artistas sobre o espaço habitado e vivido da cidade de Porto Alegre, tomando como recorte as águas que banham e transbordam a capital. O diálogo se faz entre as escritas que ressoam dos projetos artísticos *Desaprender as Cidades* e *Partidas Dobradas*, a partir de percepções sobre os efeitos da crise ambiental, sobre os modos de vida e produção coletiva que reverberam na cidade. Busca-se expandir as possibilidades de uma sensibilização e, talvez, ainda mais fortemente, de ensaiar modos outros de aprender sobre a cidade e aprender a querer viver com estas águas.

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Cidade. Enchentes. Rio Guaíba.



Reflections entwined with art, the city, the ecological crisis, and bodies of water

ABSTRACT: This essay aims to articulate the perspectives of two women artists on the inhabited and lived spaces of the city of Porto Alegre, focusing on the waters that bathe and overflow the capital. The dialogue unfolds through writings that resonate from the artistic projects *Unlearning Cities* and *Folded Departures*, drawing on perceptions of the effects of the environmental crisis, ways of living, and collective production that reverberate throughout the city. The aim is to expand the possibilities of sensitization and, perhaps even more strongly, to experiment with other ways of learning about the city and learning to desire living with these waters.

KEYWORDS: Art. City. Floods. Guaíba river.



Figura: Ana Schittler. Série Partidas Dobradas. 2024.



Figura: Ana Schittler. Série Partidas Dobradas. 2024.



Figura: Ana Schittler. Série Partidas Dobradas. 2024.



Figura: Ana Schittler. Série Partidas Dobradas. 2024.



Figura: Aline Nunes. Série Desaprender as Cidades. 2024.



Figura: Aline Nunes. Série Desaprender as Cidades. 2024.



Figura: Aline Nunes. Série Desaprender as Cidades. 2024.



Figura: Aline Nunes. Série Desaprender as Cidades. 2024.



Sobre partidas dobradas e sobre desaprender as cidades

O método das partidas dobradas, pilar da contabilidade, estabelece que toda transação deve ser registrada em duas entradas complementares: débito e crédito. Este princípio visa garantir equilíbrio e transparência financeira. No entanto, ao transpor esse conceito para uma leitura ficcional das interações entre diferentes agentes – humanos, não-humanos e máquinas –, é possível expandir essa lógica para as complexas relações entre natureza, urbanização e capitalismo.

O projeto artístico *Partidas Dobradas*, de Ana Schittler, baseado inicialmente nos registros fotográficos de fevereiro de 2024 no Parque Moacyr Scliar e no Parque Maurício Sirotsky Sobrinho, propõe uma provocação à reflexão dos valores intrínsecos nesses espaços. A interseção entre o rio Guaíba e a cidade de Porto Alegre se apresenta como um campo de forças que tensionam conservação e progresso, resiliência e especulação imobiliária, vida e destruição.

O projeto artístico *Desaprender as cidades*, de Aline Nunes, incorpora diferentes meios de pensar os processos de estar e viver nas cidades. A premissa se trata de desaprendê-las para poder criar outras narrativas: menos prescritivas, menos formatadas, comerciais ou aligeiradas. Desde 2018, a cidade vai sendo experimentada pela artista, buscando fugir dos preceitos catastróficos ou pretensiosos daquilo que é dito sobre Porto Alegre. Em diferentes momentos, ela vai coletando sobras e desimportâncias nos trajetos da cidade, e assim estes vestígios vão sendo incorporados a outros projetos. Em 2024, desaprender a cidade tornou-se inadiável para poder habitá-la e sobreviver às enchentes. De modo não linear, coisas foram surgindo, se conectando a outras propostas artísticas, mas, sobretudo, fazendo valer a aposta em ficar e poder produzir outros caminhos de viver na capital.

Neste ensaio, exploramos essa abordagem ampliada das partidas dobradas para mapear as transformações e disputas inscritas nesses espaços, desaprendendo aquilo que já foi visto e vivido.



Antecedendo a escrita, lançamos mão de algumas das imagens que compõem os projetos citados. Apresentá-las ao princípio do texto tratou-se de uma escolha que procurou instaurar o silêncio dando espaço para as visualidades e seus possíveis impactos, dados pelo ver/sentir das águas, nas capturas realizadas pelas artistas em diferentes momentos: prévios, no decurso e ao fim das enchentes de maio de 2024.

Contabilidade ficcional e conflitos territoriais

A Orla do Guaíba tem sido historicamente um território de disputas. A valorização imobiliária e a busca por uma cidade “moderna” implicam intervenções que frequentemente ignoram a complexidade dos ecossistemas naturais e sociais. O projeto de revitalização da orla denominado Parque Urbano da Orla do Guaíba transformou o espaço antes ocupado principalmente por vegetações nativas, em um espaço que agora abriga bares, quadras esportivas, pista de skate, ciclovia, calçadão e monumentos. Nesse contexto, as categorias contábeis de ativo e passivo podem ser apropriadas para discutir as forças que estruturam esses espaços: o que se ganha e o que se perde em nome do desenvolvimento.

Os parques analisados, apesar de serem áreas de lazer e convívio, são também palcos de contradições. O Parque Moacyr Scliar, revitalizado, exhibe uma face ordenada e urbanizada do Guaíba, enquanto o Parque Maurício Sirotsky Sobrinho, tradicional espaço de eventos culturais, revela dinâmicas de ocupação e resistência. A lógica das partidas dobradas nos convida a considerar esses elementos em um balanço ficcional, onde cada transformação implica uma contrapartida que deve ser contabilizada. E isso tudo traz à tona as reverberações da enchente de maio de 2024, sobre como os moradores dos diferentes bairros de Porto Alegre foram atingidos pelas águas do Rio, mesmo nas localidades que estavam mais distantes de suas águas.



A materialidade da água e a memória coletiva

A relação com a água é um aspecto central na construção da identidade de Porto Alegre. O Guaíba, muitas vezes tratado apenas como paisagem, é um agente ativo na cidade. No entanto, sua presença é frequentemente mediada por políticas que priorizam interesses econômicos em detrimento das dinâmicas naturais e sociais.

As fotografias utilizadas em *Partidas Dobradas e Desaprender as Cidades*, desempenham um papel semelhante ao da pintura e do desenho em registros históricos, ao capturar momentos de transição e tensionamento espacial. Cada imagem se torna um lançamento contábil, um registro visual de créditos e débitos da urbanização sobre a paisagem natural.

Políticas hídricas e a contabilização do invisível

A água, no sistema capitalista, é frequentemente vista como recurso a ser explorado ou como obstáculo à ocupação territorial. Essa abordagem ignora aspectos imateriais e simbólicos que a tornam essencial para a vida em comunidade. O impacto das mudanças climáticas, a poluição e a degradação das margens do Guaíba são externalidades que raramente são incluídas no balanço das políticas públicas e das intervenções urbanas.

No entanto, práticas artísticas, como as produzidas em *Partidas Dobradas*, propõem formas ficcionais de contabilidade, já que se apropriam de elementos dessa ciência social que, em linhas gerais, analisa o comportamento humano e as relações sociais, para registrar não apenas transformações visíveis, mas também subjetividades e relações intangíveis que moldam a vivência do espaço urbano em sua conexão com as águas. Nesse sentido, o projeto se alinha às iniciativas que buscam materializar resistências à exploração indiscriminada das águas, propondo novos modos de habitar que considerem múltiplas temporalidades e agentes.



As enchentes de maio de 2024 e a invisibilidade do custo ambiental

O mês de maio de 2024 foi marcado por enchentes históricas que devastaram Porto Alegre e diversas cidades do Rio Grande do Sul. O Guaíba, cujas águas foram domesticadas por décadas através de muros de contenção, aterramentos e diques, rompeu suas contenções, inundando bairros inteiros e expondo as fragilidades de um planejamento urbano que subestima a força dos corpos d'água.

Considerada a segunda grande inundação em Porto Alegre, a cidade que tem o rio Guaíba com funções diversas dentre as quais: abastecimento, recreação, pesca, transporte e, desde muito tempo, artística, também viu seus institutos culturais e artísticos invadidos pelas águas. Ainda assim, esse evento extremo também evidencia como a contabilidade tradicional não inclui os custos ambientais nas suas equações. A urbanização acelerada, a impermeabilização do solo e o desmatamento das áreas de preservação nas margens do Guaíba são fatores que amplificaram os impactos das cheias. O saldo dessa transação ecológica foi pago pela população, que em situação de extrema vulnerabilidade, perdeu moradias, redes de suporte e meios de subsistência. As mudanças ecológicas alteraram a dinâmica da cidade e da vida urbana e essas mudanças se refletiram também nos registros artísticos. No antropoceno tudo faz ruído, esse som, atinge os grupos sociais com barulhos que ecoam por diferentes timbres. Nas enchentes toda a cidade sofreu de força avassaladora os efeitos, porém, bairros que já contavam com infraestrutura precária foram devastados e sofreram com mais demora na reconstrução. Logo, ouvir os sons do colapso reafirmou que os bairros alagados não eram todos iguais, a água transbordou as desigualdades. Não por acaso, os considerados bairros nobres da cidade são também os bairros mais altos, onde praticamente nada foi abalado pela cheia: nem a paisagem nem as gentes que ali vivem.

Foi no bairro Sarandi, região Norte de Porto Alegre, uma das localidades mais afetadas e negligenciadas da cidade, que o sentido de desaprender as cidades ganhou outra urgência. No bairro cujas ruas desapareceram sob mais de cinco metros d'água e onde mais lentamente as águas baixaram que, no ir e vir dos barcos dos resgates animais, o entendimento de que a cidade era outra se tornou premente. Ali, diante da água que tomava casas, escolas e os espaços do bairro ou, cerca de cinquenta dias depois, com as águas baixando, que se pôde ver o que restava da cidade e da vida das pessoas. São montes e montes de coisas que servem e já não servem mais. Sujas, rotas, gastas, tristes. Alguém as resgatará? É possível salvar as coisas desse destino? É possível sair da catástrofe generalizada da cidade e das relações que se acabam? Impossível desver o horror e impossível não se



questionar: como se aprende a viver aqui novamente? As imagens da cheia se derramam diante de nossos olhos e nossos pés. Mais de um ano depois desse acontecimento sem precedentes, o bairro se recompõe. Comerciantes reabrem seus estabelecimentos, escolas são retomadas e o movimento nas ruas ressurgiu. No entanto, os entulhos ainda presentes em canteiros e praças, nos relembram constantemente deste passado recente. Muitas casas seguem abandonadas e na região perto do dique que rompeu, há a desapropriação das casas que constituem seu entorno. Muitos moradores da área realizaram protestos e ofereceram resistência quanto à saída forçada, alegando que a prefeitura deveria oferecer outros encaminhamentos para a questão. Vemos que, assim como o movimentar das águas, as políticas de habitação do município seguem movimentando os corpos daqueles que pouco são escutados e cujos direitos e destinos são continuamente varridos e deslocados para áreas desprovidas de qualquer vínculo ou pertencimento, sob a promessa de dias melhores.



No campo das artes, as enchentes de maio de 2024 já reverberam em novas produções. Artistas locais têm explorado narrativas visuais e sonoras que documentam a devastação e a resiliência das comunidades afetadas. Registros fotográficos, vídeos experimentais e performances têm servido como um meio de resistência, formas de narrativas para resgatar histórias apagadas pelas ondas de concreto e aterramento.

Conclusão

O conceito de partidas dobradas, ao ser expandido para além da contabilidade tradicional, revela-se um instrumento de análise crítica, expansiva e ficcional pela arte. O balanço entre progresso e destruição, entre valorização e apagamento, entre natureza e urbanização, é constantemente ajustado pelas forças que atuam sobre o Guaíba e afetam a cidade como um todo.

Em diálogo com esta noção, colocamos o conceito de desaprender como tensionamento das forças necessárias para que algo outro possa surgir, seja pelas macropolíticas, pensando no campo de disputas e interesses que povoam a cidade, ou ainda, pelas micropolíticas, considerando os movimentos populares realizados por ativistas pelos direitos à moradia, por artistas, educadores e tantos outros que seguem acreditando que somente por meio de um engajamento coletivo outras saídas podem se dar.

Ao aproximar os registros fotográficos dos projetos *Desaprender as Cidades* e *Partidas Dobradas* propomos um olhar atento por meio das criações artísticas sobre as disputas que definem a orla do Guaíba e a vida na cidade de Porto Alegre. Consideramos que toda transformação tem um custo e que cada avanço da retroescavadeira lança uma sombra sobre os corpos d'água que moldam Porto Alegre, fazendo esse território transbordar e, assim, apagam a história dos seus habitantes.

Não obstante, a aposta se faz no afirmar da vida, trazendo para os dias de sol que sucederam as chuvas, o verbo quorar. Com Rolnik (s/d), entendemos que quorar se espria para além das roupas molhadas, servindo como possível para o cuidado dos corpos, das almas. “‘Quorar’, magia de um gesto através do qual a força humana alia-se à força do sol para eliminar as impurezas que o olho não alcança e tornar os tecidos mais amorosos”. Quorar a pele, e deixar que o corpo ganhe a força do sol, a fim de que se produzam outros desfechos e outros convívios, mais apaziguados, entre nós e as águas, desrealizando este passado recente e voltando a amar a/na cidade.



Bibliografia

ROLNIK, Suely. **Quarar a alma**. Disponível em: <https://caosmose.net/suelyrolnik>. Acesso em 25 de março de 2025.

Recebido em: 15/02/2025

Aceito em: 15/05/2025

[1] Professora do Departamento de Artes Visuais, do Instituto de Artes Visuais. Artista Visual. Pesquisadora do Margem_Laboratório de Narrativas Urbanas / PROPUR/UFRGS. Doutora em Arte e Cultura Visual (PPGACV/UFG) com estágio doutoral na Facultad de Bellas Artes da Universidad de Barcelona. Mestre em Educação (PPGE/UFSM). Bacharel e Licenciada em Artes Visuais pela UFSM.

[2] Estudante do Curso de Licenciatura em Artes Visuais/IA/UFRGS. Bolsista do projeto Aqui tem arte: compartilhando o Acervo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo.